



ISSN: 1983-8379

O Rio de Janeiro nas crônicas de Nelson Rodrigues: a metrópole e o homem fragmentado

Luciene Tófoli¹

RESUMO: O objetivo do artigo é mostrar como a cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 50 e 70, se revela na obra memorialística e ficcional de Nelson Rodrigues. Através de seus personagens, o autor dá visibilidade a questões históricas, políticas, sociais e culturais da época e, ao traçar uma cartografia moral da cidade, dividida entre as zonas Norte e Sul, revela os conflitos de um novo homem, típico da metrópole.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Metrópole; Rio de Janeiro; Literatura.

ABSTRACT: Lo scopo di questo lavoro è quello di mostrare come la città di Rio de Janeiro, tra il 50 e 70, si rivela nelle memorie e nelle opere di fiction di Nelson Rodrigues. Attraverso i suoi personaggi, l'autore dà visibilità a questioni storiche, politiche, sociali e culturali del tempo, e per disegnare una cartografia morale della città, divisa tra le zone settentrionali e meridionali, rivela i conflitti di un uomo nuovo, tipici della metropoli.

Parole-chiave: Nelson Rodrigues; Metropoli; Rio de Janeiro; Letteratura.

O Rio de Janeiro é o *locus* enunciativo da obra de Nelson Rodrigues. Seja como jornalista, cronista ou dramaturgo, a ligação do autor com a cidade maravilhosa é visceral. Pelos seus textos, funcionários públicos, prostitutas, pais e mães de família, bicheiros, normalistas e muitos outros cruzam a antiga capital da República de norte a sul. No movimento pendular entre o fictício e o real, se juntam fatos e personagens da história, da política, da cultura e da sociedade carioca e brasileira.

Num ofício bifronte, aliás, como outros escritores do início do século XX, exerceu a literatura paralelamente ao jornalismo, deixando no seu legado um retrato da cidade,

¹Luciene Tófoli é professora-assistente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). É mestre em Literatura e em Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Doutoranda em Literatura pelo PPGLetras/UFJF.



ISSN: 1983-8379

principalmente das décadas de 40 a 70, quando o país e, particularmente, o Rio de Janeiro, atravessaram uma série de mudanças em vários setores.

O projeto republicano era transformar o Rio de Janeiro numa cidade moderna, com o ordenamento do espaço urbano, onde os pobres seriam deslocados para as regiões mais distantes, carentes e precárias. A essa população, foram reservados os subúrbios e os morros. Para a tarefa, o presidente Rodrigues Alves nomeou, como prefeito, Pereira Passos, numa época que ficou conhecida como ditadura do “bota-abaixo”.

A intenção do então prefeito, inspirado nas obras feitas em Paris por Georges Haussmann, para transformar a capital francesa em metrópole a ser imitada em todo o mundo, é, segundo Velloso (2004, p.43-49), redesenhar a cartografia urbana do Rio de Janeiro, onde cada grupo étnico e cultural teria seu lugar, com padrões de conduta específicos, deixando clara uma demarcação entre o que significava atraso e progresso.

O resultado desse processo, conforme acentua Abreu (1987, p.94) é que, já na década de 30, a capital da República estava bem delimitada: as classes altas ocupavam a “nova” zona sul (Copacabana, Ipanema, etc.), as classes médias, a antiga zona sul (Botafogo, Flamengo, Catete, Laranjeiras, etc.) e zona norte, e os pobres estavam no subúrbio.

No cenário político e cultural, a competição entre Rio de Janeiro e São Paulo é acirrada. As comemorações do centenário da Independência, em 1922, com destaque para as realizações militares do passado nacional, se contrapõem à Semana de Arte Moderna da capital paulista. A Revolução de 1930 e o Estado Novo fazem com que o Rio retome sua centralidade na política, o que vai permanecer até a transferência da capital federal para Brasília, em 1960.

Paralelamente, os cariocas assistem a uma nova configuração nos meios de comunicação. O rádio atinge seu auge, supera o cinema como instrumento de cultura de massa e a imprensa como meio publicitário. A Rádio Nacional é referência em todo país, transmitindo futebol, radionovelas e programas de música popular. Na década de 50, o Rio de Janeiro sedia a segunda emissora de televisão do país, a Tupi, de Chateaubriand. A popularização do veículo é rápida. Cresce com a industrialização de produtos voltados para o consumo de massa e reflete o ideal desenvolvimentista implantado pela política do presidente Juscelino Kubtschek, que pretendia urbanizar e industrializar o país.

2



ISSN: 1983-8379

Diante desse contexto, a capital carioca revela-se na obra rodrigueana. São tramas urbanas e movimentos cotidianos encharcados de um Rio de Janeiro sentido, vivido e criado por Nelson Rodrigues.

Renato Cordeiro Gomes (1994) assinala como a literatura contribui para a construção da imagem da cidade. “O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e o emaranhado de existências humanas” (GOMES, 1994, p.24).

Aliás, no desenho que faz do Rio de Janeiro, Nelson Rodrigues traça uma espécie de trajeto sócio-moralista. A zona norte, onde o escritor passou a infância e grande parte de sua vida, seria o repositório dos valores tradicionais, do homem de bem, trabalhador, honesto. Em contraponto, a zona sul, principalmente Copacabana, representava os costumes mais avançados, a boêmia político-intelectual.

Na biografia do dramaturgo, *O anjo pornográfico*, escrita por Ruy Castro, o Rio de Janeiro é o passado, o presente e o futuro de Nelson Rodrigues. Vindo do Recife com a família, aos três anos, seu itinerário pela cidade é o mesmo palmilhado na extensa obra de ficcionista e no ofício diário de jornalista.

Aliás, a relação entre a metrópole e a criação literária pode ser observada desde meados do século XIX na literatura ocidental, a partir da expansão do capitalismo. Esse novo tipo de cidade vai aparecer, então, não somente como espaço geográfico, meio ambiente, mas como algo que se internaliza em seus habitantes, constituindo uma nova forma de estar no mundo moderno, um espaço fragmentado, heterogêneo, que abriga a diversidade, a multidão e onde é possível, ao mesmo tempo, estar com todos e estar só. As ruas adquirem um novo status, tornando-se o lugar de passeio, de ostentação, de exibição, de sociabilidade, onde tudo acontece.

Charles Baudelaire, em sua obra, inscreve esse novo tipo de cidade na literatura (BAUDELAIRE, 2006; BENJAMIN, 1989). O cotidiano agitado, transitório da Paris do século XIX e a multidão que se inaugura na vida moderna, seus salões, cafés, bulevares, lhe servem para investigação e crítica. Seu olhar observador cruza ruas, figuras e cenas urbanas. O que se dá a ver não é apenas o espetacular, o iluminado. O obscuro e as contradições impostas pela modernização urbana também ganham a cena pelo olhar do *flâneur*.

3



ISSN: 1983-8379

Segundo Berman (1986, p.145), os escritos do poeta francês escancaram o que a sociedade gostaria de manter escondido: os detritos, a miséria, o feio, o disforme, a carniça e o mal que saltaram à superfície.

Baudelaire capta, na sua escrita, as tensões das novas relações desse cenário e critica veementemente o progresso que destrói suas referências, fazendo tábua rasa do passado. Ele quer preservar suas referências do passado, a aura; resguardar a experiência de qualquer crise – a fim de preservá-las das intempéries vindas do novo cenário urbano (MENEZES, 2004, p. 80).

A cidade também vai ocupar a obra de Walter Benjamin, estudioso de Baudelaire, e para quem a noção de *flâneur* se dá a partir da mobilidade inaugurada na modernidade. O alemão, que flanou por vários países da Europa, tem olhar atento e refinado. Perde-se nos detalhes para construir sua trama.

No Brasil, as primeiras décadas do século XX também vão ganhar forma através da figura do *flâneur*. Escritor e jornalista, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto ou João do Rio, contemporâneo do projeto republicano que queria transformar o Rio de Janeiro numa cidade moderna, a exemplo de Paris, capta o aspecto da vida na metrópole. Para o cronista,

(...) flunar é a distinção de perambular com inteligência.[...] O *flâneur* é ingênuo quase sempre. Para diante dos rolos, é o eterno 'convidado do sereno' de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio (RIO, 2008, p. 31-32).

Assim como Baudelaire e Benjamin, João do Rio também revelou o mundo das sombras, focando as perspectivas nebulosas que se impunham sobre as margens. Ao publicar, em 1911, *Vida vertiginosa*, o carioca alerta o leitor:

Este livro, como quantos venho publicando, tem a preocupação do momento. Talvez mais que os outros. O seu desejo ou a sua vaidade é trazer uma contribuição de analyse à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse historico sob o mais curioso periodo da nossa vida social que é o da transformação actual de usos, costumes e idéas. Do estudo dos homens, das multidões, dos vícios e das aspirações resulta a fisionomia caracteristica de um povo. E bastam às vezes alguns traços para que se reconheça o instante psychico da fisionomia. É possível acoiar de frivola a forma de taes observações. Nem sempre o que é ponderado e grave tem senso. E o



ISSN: 1983-8379

pedestre bom senso, de que a sciencia é prolongamento, sempre aconselhou dizer sem fadiga o que nos parece interessante... (1911, s.p).

Na dramaturgia e nas crônicas de Nelson Rodrigues, esse universo marginal também emerge. Está nos personagens, nas situações, nos lugares e nos temas recorrentes em sua obra. A partir do ponto de vista do homem comum e seu cotidiano, o dramaturgo e cronista é capaz de, ao mesmo tempo, lamentar a derrocada da tradição e escancarar o interdito, o não-dito, apontando para a clivagem que se inscreve no homem moderno. Como lembra Berman (1986, p.13):

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; [...] Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo o que é sólido se desmancha no ar.

Em *O mal-estar na Civilização* (2006b), onde Freud vai apontar para a grande questão da humanidade, dividida entre o desejo de satisfação das pulsões e os limites que lhe impõe a Cultura para que possa viver em sociedade, talvez seja possível enxergar esse novo homem do mundo moderno que adquire relevo também na sociedade carioca exposta por Nelson Rodrigues.

Sua obra ficcional, notadamente as tragédias cariocas, *A falecida* (1953), *Perdoa-me por me traíres* (1957), *Os sete gatinhos* (1958), *Boca de ouro* (1959), *O beijo no asfalto* (1961), *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (1962), *Toda nudez será castigada* (1965) e *A serpente* (1978), são o repositório desse novo homem, enredado por seus conflitos onde são recorrentes os temas da família, do sexo, da violência e da morte.

Ademais, nas tragédias cariocas, as referências à cidade são evidentemente mais diretas. Na peça *A falecida*, por exemplo, uma notação introdutória assinalará: "Local: Rio de Janeiro". Os protagonistas Tuninho e Zulmira moram em Aldeia Campista, subúrbio onde Nelson passou a infância. Em *Perdoa-me por me traíres*, Gilberto, o ciumento marido de Judite, que desconfia que ela o esteja traindo com um homem da Zona Sul, acaba internado na



ISSN: 1983-8379

Casa de Saúde da Gávea. Assim, em todas as peças da série, a cidade carioca será o cenário predileto e central desse ciclo rodrigueano.

Aliás, há que se dizer que as narrativas das tragédias cariocas se aproximam de acontecimentos do cotidiano no Rio de Janeiro, fazendo com que Nelson Rodrigues crie personagens e situações amparados pela realidade, numa confluência entre factual e ficcional. O protagonista de *Boca de ouro*, por exemplo, antes de ser lançado à condição do bicheiro de Madureira, foi motorista de uma linha de ônibus, onde Nelson andava frequentemente. Tinha os 27 dentes de ouro e fazia questão de exibí-los. “Olha só! Pode contar, um por um! E não é coroa, é maciço! Ouro 24!” (CASTRO, 1993, p. 311).

Na agilidade dos diálogos, é possível depreender o ritmo da cidade, como analisa Magaldi (1992, p.53-54):

Ao entrar no domínio da tragédia carioca, em que é imprescindível, pelo qualitativo, a observação dos costumes, Nelson utiliza amplamente a linguagem coloquial. Ela assume diversas características: a mistura de tratamentos (a segunda e terceira pessoas), a incorreção gramatical deliberada, para o diálogo manter a forma popular (“Tem gente?”, “Te tapiou!” etc), o uso da gíria em lugar do vernáculo (mas sempre a gíria assimilada, que não envelhece e portanto é compreendida em qualquer tempo). Certas expressões, de uso corrente, são adaptadas à necessidade do diálogo, como, por exemplo: “O que é que tem a praia com as calças?”. [...] O diálogo frequentemente resolve-se em pingue-pongue, que dá vivacidade às cenas.

Assim como na dramaturgia, esse mesmo Rio de Janeiro pode ser reconhecido nas crônicas de Nelson Rodrigues. Elas guardam seus personagens mais famosos, que povoaram o imaginário de seus leitores, como “os idiotas da objetividade”, “a grã-fina das narinas de cadáver”, “o padre de passeata”, entre outros.

É importante assinalar a importância que Anderson (2008) atribui ao jornal – suporte e meio original de publicação das crônicas rodrigueanas – e ao seu consumo ritualístico, o que ele chama de “cerimônia de massa”. Segundo ele, apesar de ser realizado a sós, cada participante tem a consciência de que o mesmo ritual está sendo repetido, simultaneamente, por milhões de pessoas.

Ao mesmo tempo, o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana. Como em *Noli me tangere*, a ficção se infiltra contínua e silenciosa na realidade, cirando aquela admirável

6



ISSN: 1983-8379

confiança da comunidade no anonimato que constitui a marca registrada das nações modernas (ANDERSON, 2008, p. 68-69).

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- _____. *Experiência e pobreza. Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1993, v.I.
- _____. *Sobre alguns temas em Baudelaire. Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994, v.III.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- FREUD, S. *O chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VIII)
- _____. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX)
- _____. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI)
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



ISSN: 1983-8379

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LINS, Ronaldo Lima. *O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LOPES, Ângela Leite. *Nelson Rodrigues: Trágico, então moderno*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MAGALDI, Sabato. *Nelson Rodrigues: dramaturga e encenações*. Sao Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MENEZES, Marco Antônio. *Um flâneur perdido na metrópole do século XIX: história e literatura em Baudelaire*. 2004. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/2010/Historia/teses/8menezes_tese.pdf. Acesso em 26 de julho de 2011.

_____. Benjamin: olhares sobre o cenário urbano. *História Revista*, Goiás, v.12,n.1, p.15-26, jan./jun.2007.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

RIBEIRO, Maria Lúcia da Rocha Campanha. *Drama, matéria de primeira página: o trânsito da informação em Nelson Rodrigues*. Tese de Doutorado em Teoria Literária apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1º semestre, 1988. 513p. datilo.

RIO, João do. *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia: novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. *A menina sem estrela: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *O óbvio ululante: as primeiras confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007a.

_____. *O baú de Nelson Rodrigues: os primeiros anos de crítica e reportagem (1928-35)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

_____. *Teatro completo I: peças psicológicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *Teatro completo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

_____. *Teatro completo: peças psicológicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. v. 1.



ISSN: 1983-8379

_____. *Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RODRIGUES, Stella. *Nelson Rodrigues: meu irmão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SUSSEKIND, Maria Flora. *O Fundo falso*. In: I Concurso Nacional de Monografias. MEC, Funarte, Serviço Nacional de Teatro, 1976, p.7-42.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A Cultura nas ruas do Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaço*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.